

**PROCESSO DE APRENDIZAGEM: O FRACASSO ESCOLAR NO
PROCESSO DE ENSINO–APRENDIZAGEM SOB O OLHAR
PSICOPEDAGÓGICO E INTERDISCIPLINAR**

Fernanda Rodrigues Guedes Gomes (UENF)
fguedsgomes@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo abordar o processo de aprendizagem sob a ótica psicopedagógica e interdisciplinar de forma a analisar o fracasso escolar no percurso do processo ensino–aprendizagem pelo docente, discente e instituição escolar. O ato de mediar o ensino implica não somente em distribuir informações, mas saber como as mesmas serão assimiladas pelos alunos. Dentre tantas responsabilidades que recaem sobre a figura do professor, a mais importante é a consciência que sua classe é literalmente heterogênea, não somente adstrita a classes sociais, credos, culturas, mas que cada aluno que compõe o universo acadêmico é único. Seu processamento cognitivo é singular. Faz-se necessário na bagagem do conhecimento docente não somente as bases pedagógicas que incluem a metodologia, didática, conhecimentos exatos das disciplinas, PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), Diretrizes Curriculares Nacionais, Referencial Curricular Nacional e Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil, mas incluir no seu currículo e formação continuada conceitos, teorias, noções sobre a implicação da Psicopedagogia como estudo direcionador para dirimir conflitos e compreensão de ações atípicas como também o caráter interdisciplinar que a orienta. O presente estudo adotou como metodologia a revisão de literatura e a natureza qualitativa, por meio de um levantamento bibliográfico de autores conceituados como: Bossa, Lent; Cosenza; Sampaio e Freitas; Relvas; Rafael S. Pereira; Freire; Rotta, Ohlweiler e Riesgo; Pantano e Zorzi entre outros. Fez-se reflexões sobre o processo individual da construção do conhecimento, assimilação e potencialidade de aprender. Dessa forma, pretende-se demonstrar nesse trabalho a importância do papel da Psicopedagogia e a sua interdisciplinaridade, a fim de compreender a estrutura orgânica, biológica e social que comprometem o desenvolvimento no processo de ensino–aprendizagem.

Palavras-chave:

Aprendizado. Fracasso. Interdisciplinaridade. Psicopedagogia.

1. Introdução

A expressão “professor” é de origem latina – *professus* – que designa a “pessoa que declara em público”, “aquele que afirmou publicamente”. Mas, quem é o público do professor que ouve sua declaração/afirmação revestida de autoridade e supremacia? Que enunciados são esses proferidos que se apresentam como irrefutáveis? Nesse ato de declarar, há o dever de ensinar. Procedimentos institucionalizados ou não poderão ser utilizados, mas deverão ser capazes de propor e compor co-

nhecimentos para um desenvolvimento social, cultural, cidadão e autônomo.

Ao retomar a pergunta, “quem é o público do professor?” Identificamos a classe composta por indivíduos heterogêneos, com traços particulares e saberes peculiares. O processo de aprendizagem é um caminho particular que cada aluno irá construir sua trajetória personalizada. Nesse processo ao professor caberá a mediação das informações e como o aluno irá agir e reagir na construção do seu conhecimento. Deverá ter a consciência de que somente conteúdos pedagógicos constituídos durante sua formação acadêmica não serão suficientes para proporcionar um processo de aprendizagem eficaz.

O processo de aprender estabelece uma relação entre o professor e o aluno. Esta por sua vez, será fundamentada na afetividade e na competência sobre os conteúdos, métodos pedagógicos pertinentes e consciência que está diante de um organismo complexo com atividades cerebrais que propiciam seu desenvolvimento cognitivo. Para a compreensão de como o aluno ajusta sua engrenagem biológica e cognitiva faz-se necessário por parte do docente a compreensão do estudo da Psicopedagogia e sua relação com outras ciências para melhor entender e promover um ensino construtivo. É de suma importância trazer para sala de aula os conceitos, teorias e fundamentos que versam sobre a aprendizagem e como o sujeito aluno se posta diante as informações lançadas em sua direção. São ferramentas agregadoras ou armas contra si mesmo?

Weiss (2016) indica o fracasso escolar como uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola. Propõe uma análise sob a ótica de três vertentes: a da sociedade, da escola e do aluno, cada uma tem sua singularidade e comprometimento no processo educacional. Além disso, é importante ressaltar que o educador traga consigo o prazer, a satisfação em ensinar para que o aluno descubra o prazer de aprender. Verifica-se que o aluno é exposto a dois medos conforme Pichon-Rivière: o “medo à perda” e o “medo ao ataque”:

O sentimento de “medo à perda” surge quando se teme perder o equilíbrio emocional obtido com a segurança que possui no domínio dos conhecimentos anteriores, já integrados. O “medo ao ataque” acontece quando não se sente devidamente instrumentado na situação nova que está vivendo. Esses dois “medos” coexistem sempre; entretanto, não devem chegar a um ponto tal que atrapalhe a mudança de conduta que vai caracterizar o domínio, a integração do que é novo, ou seja, a verdadeira aprendizagem do aluno em sala de aula. (PICHON-RIVIÈRE, 1982 *apud* WEISS, 2016, p. 23)

Ao professor caberá conhecer e aplicar ações eficazes para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem de forma a fomentar o cérebro que dará todas as coordenadas necessárias para sua evolução emocional e cognitiva. Segundo Topczewski (2002 *apud* SAMPAIO; FREITAS, 2014, p. 17), o conceito de aprendizagem/racionalidade/pensamento abstrato traz consigo a marca digital da capacidade dos indivíduos de percepção, conhecimento, compreensão e retenção das informações obtidas na memória. Segundo Morin (1996 *apud* SAMPAIO; FREITAS, 2014, p. 17), essa por sua vez, se consolida no cérebro, órgão fundamental para o estabelecimento da cognição, controlador de todos os estímulos sensitivos que comporão a inteligência, memória, raciocínio e imaginação.

Diante do exposto, faz-se necessário o professor conhecer os caminhos percorridos pelo discente em sua estrutura neurobiológica. Os fundamentos neurocientíficos identificarão nas dificuldades de aprendizagem que a atenção, memória, emoção/afetividade, funções executivas/autorregulação comporão a base imprescindível para a construção do conhecimento e potencialização das habilidades do sujeito aprendente. Serão ferramentas agregadoras nos planos de aula e ações construtivistas em sua classe. A Psicopedagogia tem como objetivo compreender como que o sujeito aprende, quais ações a criança, adolescente ou adulto utilizam para compor seu raciocínio e edificar seu conhecimento. Não há de se falar em ensino se não perceber e sentir o indivíduo singular que se encontra a sua frente, pois suas declarações e afirmações não poderão ser em vão. Nessa trajetória da aprendizagem professor e aprendente revezam seus papéis por meio de trocas de experiências e emoções.

2. O processo de aprendizagem humana

O processo de aprendizagem humana objetiva a conquista do conhecimento e a compreensão do meio em que vivemos: absorver – compreender – aprender. Desenvolver a aprendizagem requer estabelecer vínculos e proporcionar meios eficazes para seu implemento e avanço. Exige estabelecer intimidade entre o professor, aluno e os objetivos a serem alcançados. O conhecimento somente se consolidará com a sensibilidade e propriedade por parte do educador na condução do processo de aprendizagem, equilíbrio familiar e fortalecimento das ações autorreguladoras registrados na matriz da personalidade do discente. O professor a missão de provocar empatia na figura de cada aluno que compõe sua

classe. Além disso, há de nortear seus passos dentro da individualidade e personalidade materializada em cada aluno, que traz consigo marcas de vida, perdas, ganhos, aspectos culturais, sociais, históricos e políticos que repercutem em seu modo comportamental de ser.

A aprendizagem é um caminho a desvendar as fronteiras do desconhecido com uma bagagem social, afetiva, étnica, política, que compõe a impressão digital de cada indivíduo que constitui a sociedade que está inserido e que também a constrói. Ao construir o caminho processual do ensino há de se considerar que os elementos escola, família, aluno e sociedade deverão estabelecer um compasso harmônico a fim de edificar no sujeito aprendente oportunidades concretas para viabilização do seu construto cognoscente (RELVAS, 2015).

Durante a jornada educacional o ser humano é provocado a desestabilizar-se para poder iniciar seu processo de construção de conhecimento e inteligência, de forma que produzirá ações cerebrais para a **assimilação** – processo cognitivo que o indivíduo utiliza suas estruturas mentais não vazias e inicia a sua investigação, capta o ambiente e associa aos esquemas presentes em seu cérebro; **acomodação** – é a modificação de um esquema intelectual cerebral a fim de proporcionar a assimilação, o indivíduo reage sobre o objeto. Assim, quando o ser humano consegue desvendar um determinado objeto e acomodá-lo em sua estrutura temos a chamada – **adaptação** – que são articulações mentais para conhecer e modificações para assentamento desse objeto. **Assim**, a cada adaptação um novo esquema assimilador e novas acomodações são realizadas de forma a constituir o chamado **processo de equilíbrio** – Teoria Piagetiana sobre o processo de inteligência, (PIAGET, 1970).

A cada movimento de aprendizado é natural um desequilíbrio para atingir o novo equilíbrio do conhecimento. Esse desequilíbrio esperado pelo organismo para proporcionar uma nova ordem de aprendizado, precede ao um estado moral, psíquico e físico íntegro, que não estejam sofrendo turbacões e violações em suas estruturas cognitivas e psíquicas.

O processo de ensino–aprendizagem visa tornar o aluno um ser crítico e pensante ao desenvolver e aflorar potencialidades pré-existentes, porém adormecidas ou mal desenvolvidas/estimuladas. Para o desenvolvimento do processo de aprendizagem faz-se necessário articular elementos que se posicionarão como elos na formação cognitiva, psíquica e social na construção desse ser cognoscente, são eles: **Educação** – ferramenta para fazer com que os olhos enxerguem o mundo e as cores da vi-

da; **Sabedoria** – domínio do conhecimento para evolução humana; **Aprendizagem** – caminho onde professores articulam meios educacionais aliada à sabedoria para auxiliar a construção do ser aluno; **Aluno** – centro/sujeito de todas as aplicações de práticas, técnicas, estímulos, direcionamentos, conteúdos, signos, teorias, intervenções, dentre outras ações; **Escola** – espaço que proporciona o desenvolvimento das potencialidades e descobertas do aluno, local que **possibilita** a personificação e identidade do Ser-Aluno e a **Família** – que cumpre um papel de grande relevância, pois abriga toda estabilidade psíquica, material, afetiva e emocional que subsidiará o fortalecimento das ações educacionais (PEREIRA, 2015).

As práticas que promovem o processo educativo são considerados eficazes quando seus elementos interagem entre si formando um sistema fomentador na produção de conhecimento, de forma que as informações, dados, signos, a semiótica são pedagogicamente repassados ao aluno. Este por sua vez, por intermédio da atividade racional, estímulo e ferramentas absorve a mensagem transmitida e desenvolve a compreensão daquilo que está sendo exposto. Mas, quando o processo de aprendizagem é falho? Quando a compreensão e o desenvolvimento não são concluídos? Como proceder? Quem ou quais personalidades atuarão? Qual figura irá contribuir para sanar a ineficiência do processo de aprendizagem?

Com base nas indagações supramencionadas serão expostos os norteadores do presente trabalho: fracasso escolar, dificuldade de aprendizagem e transtornos de aprendizagem, ações psicopedagógicas, interdisciplinaridade e o entrelaçamento do relato de experiência, para melhor compreensão do tema.

3. *Fracasso escolar*

A definição do fracasso escolar é tão complexa quanto às dimensões da aprendizagem. Ele não é originado unilateralmente, mas, por variadas ações que ocorrem na seara educacional, social e familiar. Para melhor entendimento sobre o fracasso escolar torna-se imprescindível a compreensão de seu contraponto: o êxito, a aprendizagem eficaz. A aprendizagem inclui observar o objeto de modo a praticar ação e desejo sobre o mesmo. É a articulação que o sujeito faz sobre as informações chegadas a ele, modificando conforme suas experiências e demandas, de modo a deixar sua marca autoral no construto do conhecimento (MEIRA, 2002).

De acordo com a nova ênfase educacional, centrada na aprendizagem, o professor é coautor do processo de aprendizagem dos alunos. Nesse enfoque centrado na aprendizagem, o conhecimento é construído e reconstruído continuamente. O processo educacional como meio de comunicação e mediação no fundamento da aprendizagem há de convergir em prol do desenvolvimento do discente. A atuação do professor é crucial para intervenção positiva na descoberta do novo para o aluno. Sua coautoria implica em articular as competências não exploradas no processo educacional. A aprendizagem é o movimento de aquisição de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes, possibilitado por meio do estudo, do ensino ou da experiência, vínculo positivo entre objetividades e subjetividades (MEIRA, 2002).

Ao identificar a aprendizagem caberá também apresentar o fracasso escolar e suas repercussões a sociedade, família e escola, Giudice (2018, s/p), traz o conceito de Fracasso Escolar:

Fracasso escolar é difícil de ser definido e compreendido por se tratar de um fenômeno que não é natural, mas resultado das condições de interação entre a proposta de ensino, a assimilação do aprendizado por parte dos alunos, os modelos de ensino e de avaliação, além do contexto escola e familiar.

O insucesso escolar é um assunto muito complexo e sua dimensão muitas das vezes não compreendida, sua repercussão vai além as das fronteiras protagonizadas por títulos (escola, docente, família e sociedade). Refletir sobre as várias nuances do processo educacional traz a marca difusa das responsabilidades daqueles que compõem a atividade de ensino-aprendizagem. Faz-se imprescindível investigar os espectros que suscitem o fracasso escolar: instituição, docentes, família e aluno, cada qual com perfis que potencializarão o êxito ou fracasso estudantil.

O fracasso escolar é um resultado que causa sintomas desconfortáveis e doloridos, pois acarreta sofrimento e conseqüências negativas para aqueles envolvidos no processo de aprendizagem. Seus reflexos materializam um desajuste na ação educacional proporcionando sentimentos e reações negativos. Há momentos que os próprios profissionais envolvidos no sistema educativo rotulam como culpados ora o aluno, ora a família, ora uma determinada classe social, ou o sistema político-econômico e social.

Conforme estudos elaborados por Sales e Silva (2008), várias foram as justificativas para o reconhecimento e culpabilidade do fracasso

escolar. Identificou-se na década de 60 os princípios que norteavam o cenário brasileiro, as teorias da escola nova originada nos Estados Unidos e Europa em contraponto ao ensino tradicional. Nos anos de 1970 o foco era promover a qualidade de ensino de modo a minimizar o fracasso escolar. Na metade dos anos 80 ficou evidenciado por meio de pesquisas que competia aos professores a responsabilidade do insucesso dos alunos. Com o pensamento de Fernandez (1994), identifica-se a mutação da culpabilidade na responsabilidade que sofre influência de forças que circundam alunos e professores.

Diversas variantes são indicadas como motivadoras do fracasso escolar. Dentre elas destacamos: embaraço no trato na estrutura da direção das escolas; debilidade no sistema escolar de forma a colocar em detrimento o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem; estudantes que configuram como ativos trabalhadores para agregar o orçamento doméstico; suporte familiar vulnerável aos conflitos interpessoais entre parentes e negligência dos progenitores em promover o suporte para o progresso de seu filho, conforme exposições de Meira (2002), Sales e Silva (2008) e Costa (2009).

4. Dificuldade de Aprendizagem e Transtorno de Aprendizagem

Para melhor entendimento sobre o processo de aprendizagem é fundamental a identificação e distinção dos conceitos de dificuldade de aprendizagem e de transtorno de aprendizagem. Considerações apontam que essas expressões têm sido aplicadas de maneira indistinta tanto no campo clínico, escolar e em determinadas literaturas (Rotta et al, 2016; Ciasca et al, 2015). Torna-se imperioso o papel da Neurociência de fomentador e elucidador sobre tais expressões, de modo a expor as particularidades e o emprego correto para não colidir com as ações pedagógicas incentivadoras da aprendizagem. Nas palavras de Panisset (2008 *apud* SAMPAIO; FREITAS, 2014, p. 20), “conhecer tais particularidades merece especial atenção, pois pode, sem dívida, favorecer a aprendizagem e minimizar os seus problemas”.

4.1. Dificuldade de Aprendizagem

Ao contemplar a aprendizagem como um processo constituído por diversos fatores, não há como restringir a uma explicação como decisivo para a justificativa para as dificuldades a elas associadas (SAMPAIO;

FREITAS, 2014).

A partir dos avanços contemplados na área da Neurociência identificou-se que é no cérebro que a aprendizagem se perfaz e como consequência este órgão recebe influência direta na sua estrutura física. Conforme Gómez e Téran (2009 *apud* SAMPAIO; FREITAS, 2014):

Foram esses estudos que permitiram a compreensão de como a aprendizagem modifica a estrutura física cerebral, estabelecendo novas conexões de acordo com as mais diferentes situações de aprendizagem, reorganizando-se de forma contínua e flexível. Isso ocorre, por exemplo, quando o cérebro aprende por meio da experiência e da estimulação, em um processo que acrescenta ou elimina as conexões entre as células, causando mudanças na quantidade de substâncias químicas (neurotransmissores) que exercem a função de transmitir mensagens ou quando o funcionamento de uma determinada área cerebral se torna mais ativo. (GÓMEZ; TÉRAN, 2009 *apud* SAMPAIO; FREITAS, 2014, p. 18)

As dificuldades ou problemas de aprendizagem relacionam-se aos fatores metodológicos e internos do sujeito. Não há como aceitar uma única causa como determinante para as dificuldades a ela relacionadas. Segundo Merch⁶⁸ “o processo de aprendizagem da criança é compreendido como um processo pluricausal, abrangente, implicando vários eixos de estruturação: afetiva, cognitivos, motores, sociais, econômicos, político” (MERCH *apud* MALUF).

Aspectos emocionais e familiares, problemas de ordem pedagógica e socioculturais, a causada dificuldade não estará centrada apenas no aluno, faz parte de um complexo fenômeno que é o fracasso escolar, de forma a trazer como características a evasão e a reprovação escolares (RAMALHO, 2015).

É necessário compreender que as dificuldades de aprendizagem apresentam-se como um grupo heterogêneo de fatores que podem modificar a competência sobre aprendizagem e que não estão relacionados às condições neurológicas para aprender. Como fatores que contribuem para que o aluno tenha dificuldades na aprendizagem, são dispostas algumas causas dentre outras: baixa motivação, fatores econômicos, problemas no núcleo familiar, alimentação incorreta em quantidade e/ou qualidade, baixa qualidade do sono, salas de aula superlotadas e professores sobrecarregados, baixa capacitação, má remuneração, material didático inade-

⁶⁸ Merch. In SAMPAIO; FREITAS, 2014, p. 27.

quado, métodos pedagógicos não agregadores, entre outros (BOSSA, 2000; RELVAS 2015, 2017).

Para Sampaio e Freitas (2014), a marca da dificuldade de aprendizagem é sinalizar que por de trás de um cérebro que aprende, existe alguém que tem um ritmo próprio e um estilo diferente de aprender e que, como tal, precisa ser respeitado em sua individualidade. A aprendizagem não é fruto de um simples armazenamento de dados, mas da capacidade de processar e elaborar as informações por meio da conexão que nossos receptores sensoriais estabelecem com o ambiente, o que faz com que cada aluno tenha seu estilo próprio de aprender.

Sobre as exposições sobre o não aprender Gómez e Téran (2009 *apud* SAMPAIO; FREITAS, 2014, p. 31), indicam que a culpabilização ora tem foco no aluno, ora no professor. Para Gomes e Téran, “a culpa exime da responsabilidade compartilhada que deve haver no processo ensino-aprendizagem. O professor ensina, mas quem aprende é o aluno”. Desta forma, é mister ressaltar o papel do professor em “oferecer ao aluno as ferramentas necessárias para desenvolver suas potencialidades de acordo com seu estilo ou modalidade de aprendizagem”.

Para melhor identificação das características do perfil das Dificuldades de Aprendizagem citamos: o desempenho não é compatível com a capacidade cognitiva da criança ou jovem, a dificuldade ultrapassa a enfrentada por seus colegas de turma, sendo geralmente resistente ao seu esforço pessoal e ao de seus professores; em grande parte dos casos podem ser diagnosticados em crianças da pré-escola por profissionais especializados, são transitórias e podem ser evitadas com cuidado em respeitar o nível cognitivo da criança (SAMPAIO; FREITAS, 2014).

O surgimento das dificuldades pode ser na escola, na família, situações que envolvem drogas, violência ou problemas socioculturais, por efeitos colaterais de medicamentos e problemas emocionais. Quanto ao diagnóstico são necessárias as observações que incidam sobre a atividade acadêmica, ou seja, no aspecto da leitura, desempenho da escrita e no raciocínio lógico-matemático; a autoestima do aluno contrapondo-se com o entendimento de suas habilidades e capacidades, e por fim a essência interdisciplinar que é bússola norteadora para a identificação dos elementos que concentram o aluno no campo do aquém com relação às suas capacidades e cognição, de modo que a Neurociência, Psicopedagogia e a Psicologia poderão eliminar fatos que não são pertinentes a causa da dificuldade de aprendizagem (SAMPAIO; FREITAS, 2014).

Mediante o exposto, é necessário sensibilizar-se que as dificuldades de aprendizagem apresentadas durante o percurso acadêmico do aluno não são mais importantes do que a figura do sujeito aprendente, mas sinal para rever posturas, discursos, ações que implicarão severamente na conduta do discente seu próprio desenvolvimento. Há que sanar os obstáculos que inibem o progresso acadêmico e elevar as potencialidades que cada estudante traz consigo.

4.2. Transtorno de aprendizagem

A expressão *distúrbio* traz em sua composição duas partículas que constroem seu significado: o radical *turb* – que retrata alteração violenta na ordem natural e o prefixo *dis* – que remete a alteração com sentido patológico. Assim conforme Dicionário Aurélio (2010), a palavra *distúrbio* remete perturbação orgânica ou social.

Na busca da forma didática para a compreensão do Transtorno de Aprendizagem leva-nos a Bossa, que se refere à afecção de natureza neurológica, relacionada a inabilidades específicas como a leitura, escrita e a matemática, em sujeitos que apresentam uma performance significativamente abaixo do esperado para seu nível de desenvolvimento, escolaridade e capacidade intelectual (BOSSA, 2002).

Com essa apresentação o *distúrbio* ou *transtorno de aprendizagem* sugere a existência de comprometimento neurológico em funções corticais específicas, que interferem no processo de aquisição e manutenção da aprendizagem. Associa-se a disfunções e lesões neurológicas, que acabam acarretando prejuízos e danos no processo educacional. Seu espectro é baseado em uma explicação na esfera biológica e na patologização das questões educacionais, genéticas e familiares da criança. Caracteriza-se por ser uma alteração biológica, orgânica e individual, envolvendo uma disfunção neurológica.

Diversas são as definições acerca do *Distúrbio de Aprendizagem*. Collares e Moysés (1993 *apud* SAMPAIO; FREITAS, 2014, p. 21), trazem o conceito estabelecido pelo National Joint Committee for Learning Disabilities (EUA, 1981):

Distúrbios de aprendizagem é um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de alterações manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e uso de audição, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Estas alterações são intrínsecas ao indivíduo e

presumivelmente devidas à disfunção do sistema nervoso central. Apesar de um distúrbio de aprendizagem poder ocorrer concomitantemente com outras condições desfavoráveis (por exemplo, alteração sensorial, o retardo mental, distúrbio social ou emocional) ou influências ambientais (por exemplo, diferenças culturais, instrução insuficiente/inadequada, fatores psicogênicos), não é resultado direto dessas condições ou influências.

Também está registrado no CID-10 (1993, p. 237), Classificação Internacional de Doenças – OMS/1992, a classificação de transtornos mentais e de comportamento:

Grupo de transtorno manifestados por comprometimentos específicos e significativos no aprendizado de habilidades escolares. Estes comprometimentos no aprendizado não são resultados diretos de outros transtornos (tais como retardo mental, déficits neurológicos grosseiros, problemas visuais ou auditivos não corrigidos ou perturbações emocionais) embora eles possam ocorrer simultaneamente tais condições.

Há de se registrar que o DSM-V (2014, p. 68) também leva consignado o conceito de transtorno de Aprendizagem, com a nomenclatura especial de Transtorno Específico da Aprendizagem, a saber:

O transtorno específico da aprendizagem é um transtorno do neurodesenvolvimento com uma origem biológica que é a base das anormalidades no nível cognitivo as quais são associadas com as manifestações comportamentais. A origem biológica inclui uma interação de fatores genéticos, epigenéticos e ambientais que influenciam a capacidade do cérebro para perceber ou processar informações verbais ou não verbais com eficiência e exatidão.

Além disso, também traz as especificidades quanto aos prejuízos no campo da leitura, na expressão escrita e na matemática, como discorre supramencionado dispositivo:

315.00 (F81.0). Com prejuízo na leitura:

Precisão na leitura de palavras

Velocidade ou fluência da leitura

Compreensão da leitura

Nota: Dislexia é um termo alternativo usado em referência a um padrão de dificuldade de aprendizagem caracterizado por problemas no reconhecimento preciso ou fluente de palavras, problemas de decodificação e dificuldade de ortografia. Se o termo dislexia for usado para especificar esse padrão particular de dificuldades, é importante também especificar quaisquer dificuldades adicionais que estejam presentes, tais como dificuldades

compreensão da leitura e no raciocínio matemático.

315.2 (F81.81). Com prejuízo na expressão escrita:

Precisão na ortografia

Precisão na gramática e na pontuação

Clareza ou Organização da expressão escrita

315.1 (F81.2). Com prejuízo na matemática:

Senso numérico

Memorização de fatos aritméticos

Precisão ou fluência de cálculo

Precisão no raciocínio matemático

Nota: Discalculia é um termo alternativo usado em referência a um padrão de dificuldades caracterizado por problemas no processamento de informações numéricas, aprendizagem de fatos aritméticos e realização de cálculos precisos ou fluentes. Se o termo discalculia for usado para especificar esse padrão particular de dificuldades matemáticas, é importante também especificar quaisquer dificuldades no raciocínio matemático ou na precisão na leitura de palavras.

Especificar a gravidade atual:

Leve: Alguma dificuldade em aprender habilidades em um ou dois domínios acadêmicos, mas com gravidade suficientemente leve que permita ao indivíduo ser de compensar ou funcionar bem quando lhe são propiciados adaptações ou serviços de apoio adequados, especialmente durante os anos escolares.

Moderada: Dificuldade acentuada em aprender habilidades em um ou mais domínios acadêmicos, de modo que é improvável que o indivíduo se torne proficiente sem alguns intervalos de ensino intensivo e especializado durante os anos escolares. Algumas adaptações ou serviços de apoio pelo menos parte do dia na escola, no trabalho ou em casa podem ser necessários para completar as atividades de forma precisa e eficiente.

Grave: Dificuldades graves em aprender habilidades afetando vários domínios acadêmicos, de modo que é improvável que o indivíduo aprenda essas habilidades sem um ensino individualizado e especializado contínuo durante a maior parte dos anos escolares. Mesmo com um conjunto de adaptações ou serviços de apoio adequados em casa, na escola ou no trabalho, o indivíduo pode não ser capaz de completar todas as atividades de forma eficiente. (DSM-V, 2014, p.67 e 68)

Destarte, ao desbravar o mundo da Educação é necessário despir-se, libertar-se de qualquer preconceito ou influências capazes de encobrir o verdadeiro significado de educar, doar e sensibilizar. Prontamente a afirmação dos verbos supracitados agrega a vocalização de outra ordem: APRENDER!! Além de seu conceito estar voltado a tomar conhecimento, também não desprezemos a constituição da palavra, não se limitar a encontrar-se preso, mas prender no seu espírito cognitivo as descobertas e transformá-las em conhecimento e aplicá-las com sabedoria. O verdadeiro conhecimento é alado, detentor de asas que ousam rasantes!! A prisão cabe àqueles que colocam o medo a frente de seus desafios, se acomodam ao superficial e não compartilham seus descobrimentos. Os

transtornos identificados não deverão ser somatizados e sim potencializar as características positivas que cada sujeito aprendente traz em seu íntimo e necessita de aprimoramento e prosperidade.

5. Olhar e Ações Psicopedagógicas

As práticas de ensino-aprendizagem conferem ao homem a possibilidade da conquista de sua autonomia, aquisição de aptidões e dignidade social. O processo educacional é um veículo complexo e estritamente revestido de empatia, afetividade e emoção. As informações mediadas pelo educador deverão estar embasadas não somente na competência acadêmica, mas nas ações e reações individuais, respeitosas e estimuladoras do desenvolvimento do sujeito discente.

De acordo com Golbert (1985):

[...] o objeto de estudo da Psicopedagogia deve ser entendido a partir de dois enfoques: preventivo e terapêutico. O enfoque preventivo considera o objeto de estudo da Psicopedagogia o ser humano em desenvolvimento, enquanto educável. Seu objeto de estudo é a pessoa a ser educada, seus processos de desenvolvimento e as alterações de tais processo. Focaliza as possibilidades do aprender, num sentido amplo. Não deve ser restringir a uma só agência como a escola, mas ir também à família e à comunidade. Poderá esclarecer, de forma mais ou menos sistemática, a professores, pais e administradores sobre as características das diferentes etapas do desenvolvimento, sobre as condições psicodinâmicas da aprendizagem, sobre as condições determinantes de dificuldades de aprendizagem. O enfoque terapêutico considera o objeto de estudo da psicopedagogia a identificação, análise, elaboração de uma metodologia de diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem. (GOLBERT, 1985, p. 13)

Desta forma, percebemos que o alvo da Psicopedagogia é a compreensão do universo complexo, interdisciplinar e multidisciplinar sobre a aprendizagem humana, de forma a buscar melhorias nas relações construídas no processo de aprendizagem entre professores e alunos, conforme Weiss (1991).

5.1. Origem histórica da Psicopedagogia

Na visão de Bossa (1994), em suas fontes literárias, a investigação em entender os problemas de aprendizagem humana tem como nascedouro a Europa que foi norteadora e influenciadora dos demais países: Argentina e Brasil.

Para Mery (1985 *apud* BOSSA, 1994), a Psicopedagogia possui um caráter curativo, uma ação terapêutica que avalia os aspectos pedagógicos e psicológicos no tratamento das crianças que externam o fracasso escolar, demonstrando lentidão e dificuldades em comparação a demais crianças. Houve um direcionamento e interesse em compreender e atender portadores de deficiência sensoriais, debilidade mental e outros problemas que interferissem no processo de aprendizagem.

Desta maneira, identifica-se uma preocupação maior com as deficiências sensoriais e debilidade mental do que com os métodos pedagógico-metodológicos praticados. Daí o surgimento de “classes especiais”.

Com o passar dos tempos e aprofundamento de estudo, o termo pedagogia curativa passa para terapêutica para atender crianças e adolescentes desadaptados. Apesar de inteligentes, tinham resultados escolares ruins. Assim, surge um olhar que não só vislumbra as patologias, mas, também métodos que favoreçam a readaptação pedagógica do aluno. Por isso, faz-se necessário a comunhão de conhecimentos específicos de diversas teorias.

Daí o porquê das expressões Interdisciplinaridade e Multidisciplinaridade da Psicopedagogia. Para analisar o sujeito aluno precisamos relacionar com outras ciências para compreende-se a dificuldade da aprendizagem. Quando tomamos as medidas clínicas ou preventivas, lançamos mão de vários campos disciplinares para fomentar a capacidade de aprendizado por parte do aluno e instituição a ele vinculada.

Assim, pode-se dizer que devido à complexidade da aplicação da Psicopedagogia lançamos mão de conhecimentos específicos da: Psicanálise, Psicologia Social, Epistemologia e Psicologia Genética e Linguística. Elas são meios de reflexão sobre o Problema da Aprendizagem Humana. Daí o aspecto interdisciplinar. A partir das reflexões e discussões sugerimos propostas de trabalhos preventivos ou clínicos, de acordo com cada caso analisado, de modo que utilizaremos parcerias com demais profissionais. Essas alianças com demais perfis especializados ao Psicopedagogo chamamos de ação multidisciplinadora. Temos como exemplos a Psiquiatra, Neurologista, Psicólogo, Fonoaudiólogo, Pediatria, Psicanalista, Neuropsicólogo, Pedagogo, Professor.

Conforme Fernández (1991 *apud* BOSSA, 1994, p. 32-33) na Argentina a Psicopedagogia surgiu há mais de 30 anos. Verificou-se a necessidade de habilitar profissionais para orientar o processo educativo, “oferecendo conhecimento mais profundo dos processos de desenvolvi-

mento, maturidade e aprendizagem humanos”, de forma que o curso de Psicopedagogia na Argentina é no formato de graduação com duração de cinco anos. Caracteriza-se por proporcionar a capacitação e entendimento dos princípios nas áreas da educação e saúde, de modo que sua atuação incidirá em cooperar para diminuição do fracasso escolar (seja sob a responsabilidade institucional, seja do sujeito ou de ambos), e reconhecimento e atuação sobre as alterações sistemática ou assistemática (BOSSA, 1994).

5.2. Psicopedagogia no Brasil

Durante muitos anos os problemas de aprendizagem humana eram sustentados por pela concepção orgânica. A justificativa do problema de aprendizagem se baseava em distúrbios que desencadeava uma disfunção do sistema nervoso central.

A concepção organicista/biológica explicava a ineficácia do processo de aprendizagem, como também a dificuldade de aprendizagem (BOSSA, 1994). O aluno era o “problema”. Não havia ainda a percepção de que o meio pedagógico contribuía diretamente no resultado. Logo foi difundido o conceito de DCM - Disfunção Cerebral Mínima. Todo e qualquer problema ou dificuldade na aprendizagem humana era argüida esse diagnóstico.

Era comum quando uma criança ou adolescente externava problemas/dificuldades de aprendizado, a mesma era submetida a uma consulta médica. No final da década de 70 surgiram os primeiros cursos de especialização em Psicopedagogia com o compromisso leal de agregar a compreensão do processo de aprendizagem e identificação dos fatores facilitadores e comprometedores desse processo (BOSSA, 1994).

Aqui, no Brasil, a Psicopedagogia é estudada como especialização na forma de Pós-Graduação. As regiões Sul e Sudeste, Rio Grande do Sul e São Paulo respectivamente, se despontam como grandes pólos de referência Psicopedagógicas (BOSSA, 1994).

6. O Encontro da Teoria com a Prática: construção do ser cognoscente

A prática laboratorial foi a materialização do fracasso escolar. Independente da condição/status do sujeito aluno sejam as dificuldades de aprendizagem ou transtornos de aprendizagem, o fato é que a instituição

escolar identificou o não progresso mensurado em resultados das atividades propostas e o não desenvolvimento esperado de acordo com a idade e aptidões necessárias para o progresso estudantil.

Fonseca (2009) alega:

Aprender a refletir, a racionar, a utilizar estratégias de resolução de problemas para adaptarmos as novas gerações para aprenderem mais, melhor e de forma diferente e flexível, é uma necessidade fundamental da educação e, provavelmente, a tarefa mais relevante da escola. Todo estudante tem o direito de desenvolver ao máximo o seu potencial cognitivo e os governos têm a responsabilidade de lhe garantir oportunidades e meios adequados para o fazer. (FONSECA, 2009, p. 7)

Ao materializar a aliança do teórico com a prática é notável os pontos de melhorias a serem desenvolvidos, como também as potencialidades a serem enaltecidas. O aluno traz consigo conhecimentos prévios e instintos de sabedoria construídos em suas experiências sociais. Ao educador compete a contextualização e articulação de meios pedagógicos e formação continuada para não se surpreender com as adversidades que situam durante a trajetória do processo de aprendizagem. O psicopedagogo por sua vez, deverá articular ações que compreendam o universo desse aluno de forma a identificar o quê ou quais elementos que contrariam seu progresso acadêmico, de forma a traçar quais características que delineiam sua conduta e individualizando suas ações investigativas em torno dos indícios e elementos que configuram as marcas de uma dificuldade ou transtorno de aprendizagem, para a propositura do levantamento das hipóteses.

De acordo com Fonseca (2009) são claros os preceitos de metacognição e autorregulação na abordagem da educação cognitiva:

A educação cognitiva parte duma perspectiva sistemática da inteligência, por isso está baseada nos contributos recentes da psicologia cognitiva, da neuropsicologia, do processamento de informação e das abordagens contextuais de desenvolvimento cognitivo. Neste parâmetro a inteligência é considerada bioantropológica na sua origem, mas psicossocial no seu desenvolvimento, respeitando a heterogeneidade e a diferença cultural. (FONSECA, 2009, p. 9)

Em continuidade ao seu discurso, Fonseca (2009, p. 9), assim expõe:

A escola e a maioria das instituições sociais envolvidas na formação e na qualificação dos recursos humanos têm negligenciando as vantagens da educação cognitiva, que basicamente não ensina conteúdos disciplinares ou matérias de conhecimento, mas, ao contrário, visa desenvolver e maximizar os processos de captação, integração, elaboração e expressão

de informação, no fundo, tudo o que se pode definir como aprendizagem. A sociedade em geral e a escola em particular, assim como todos os seus agentes que lidam direta ou indiretamente com o desenvolvimento do potencial humano, ainda desconhecem as vantagens e os benefícios da intervenção psicopedagógicas no domínio da cognição. (FONSECA, 2009, p. 9)

O olhar do educador deverá transcender o formalismo acadêmico dele e o institucional no qual está inserido. Suas ações deverão pautar-se no diálogo interdisciplinar que culmina no desenvolvimento da autonomia do discente, conforme Fonseca (2009, p. 11), em sua obra *Cognição, Neuropsicologia e Aprendizagem*:

A educação cognitiva, visando de forma harmoniosa o desenvolvimento cognitivo e emocional dos indivíduos, tem como finalidade principal proporcionar e fornecer ferramentas psicológicas que permitem maximizar a capacidade de aprender a aprender, de aprender a pensar e a refletir, de aprender a transferir e a generalizar conhecimentos e de aprender a estudar e a comunicar, muito mais do que a memorizar e reproduzir informação. (p. 10). [...] mas desenvolver competências de resolução de problemas, o que pressupõe o treino de processos e subprocessos cognitivos, isto é, de funções, habilidades e aptidões de captação, integração, planificação e comunicação de informação, atuando em todas as suas componentes de forma sistêmica e estruturada.

Portanto, a educação cognitiva elava pressupostos autorregulativos e metacognitivos, pois permite a aprender a aprender e a resolver problemas de modo a focar a atenção para captar o máximo de informações a partir do conjunto de estímulos em presença, formulação de estratégias exequíveis, estabelecimento de planos e estratégias, monitoramento sobre a *performance* cognitiva até atingir o objeto, examinar as informações disponíveis e a sistematização de procedimentos para resolução de problemas. Resolver problemas por sua vez, implica recebimento e interpretação de dados, criação de operações e processamento de tarefas, adquirir competências para solução de problemas.

7. Considerações finais

A Educação é uma seara extremamente plural, nela encontramos os mais variados tipos de acontecimentos e pessoas. Na instituição escolar faz-se necessário preparar o “campo” para que as sementes ali depositadas dêem frutos. A escola deverá cumprir seu papel socializador, acolhedor, promotor do respeito à diversidade de ritmos, estilos, perfis, en-

fim, da individualidade que compõe cada discente. Deverá representar um verdadeiro Estado Democrático de Direito, fazendo cumprir a matriz constitucional que a educação é um direito a todos os cidadãos e dever do Estado.

O processo educacional não atua por si só, ele recebe as influências sociais e familiares que cada sujeito aluno traz consigo na sua formação personalística. O ser cognoscente tem registrado em sua moral suas referências afetivas, crenças, cultura, política, frustrações, altruísmo, que nortearão sua caminhada no desenvolvimento na prática do ensino e aprendizagem. A escola cumpre um papel de extrema importância e conjuntamente responsável, pois não deverá ficar adstrita aos meios pedagógicos, mas, emergir a atuação interdisciplinar para buscar a compreensão, resolução, e/ou minimizar as dificuldades encontradas na jornada acadêmica de cada aluno.

O grande desafio da sociedade moderna principalmente no campo educacional é compreender que cada aluno tem o direito de tentar seguir com seu empenho e autonomia a liderança de suas vidas. Uma classe homogênea, sem “problemas”, levaria a sistematização de depósitos bancários sem os devidos rendimentos intelectuais, cognitivos e construtivos. Porém, quando aquela microcélula social materializada em classe escolar desponta suas dificuldades, transtornos, e questões de ordem familiar que impedem a prosperidade acadêmica, torna-se imprescindível que os profissionais da educação envolvidos no processo de ensino-aprendizagem disponham de competências para conduzir da melhor maneira possível o progresso de seus alunos.

É desejado que o profissional da educação busque conhecimento e qualificação para que sua atuação em sala de aula seja mais assertiva o possível. Que a busca do conhecimento preencha as lacunas do desconhecido, conduzindo-o para as melhores práticas de ensino inclusivo e respeitador das diferenças, que implemente ações metacognitivas e autorreguladoras que fomentem seu aperfeiçoamento. Ao psicopedagogo incumbe a missão de reconhecer e conhecer as ações processuais usadas pelo aluno a fim de promover um reconhecimento de seu perfil individual diferenciado e propor ferramentas agregadoras para seu crescimento cognitivo. A ação psicopedagógica jamais será isolada, pois remete a contribuição de vários profissionais por meio de uma comunicação respeitosa e ética promoverão a melhor linha diagnóstica possível. Além disso, a marca da interdisciplinaridade é a identidade da psicopedagogia, pois considera os fundamentos das mais variadas ciências, como por e-

xemplo, a Neurociências, a Neuropsicologia Cognitiva, Neuropsicopedagogia, a Psicologia, dentre outras.

Desta forma, o fracasso escolar seja ele resultante de uma dificuldade de aprendizagem ou de um transtorno de aprendizagem deverá ser sanado ou minimizado com o uso das melhores práticas educacionais: o respeito ao sujeito aluno que expõe sua limitação, mas, não sua incapacidade. O processo educacional deverá promover suas potencialidades que supram suas habilidades comprometidas em virtude de suas patologias identificadas ou uma atuação pedagógica não eficiente. O aluno jamais deverá ser rechaçado e tipificado com desnecessário. Ao contrário, enxergar na adversidade a oportunidade de melhorias e enaltecer suas melhores competências a fim de seja capaz de deixar sua marca na sociedade como sujeito produtivo e autônomo.

Aqui, deixo o registro da experiência vivenciada ao longo da caminhada na aquisição do saber e por consequência a construção do conhecimento: **“Vejo as pessoas como uma grande mina a ser descoberta! Cada palavra, cada gesto, cada elo formado, cada dimensão transposta, revelam-se como um dos mais valiosos tesouros. Não há metal ou pedra preciosa que se iguale a conquista do SABER! Não há mensuração no valor do conhecimento se não for partilhado! Não há mineiro mais eficiente que não seja o EDUCADOR! Não há picareta mais afiada que um PROCESSO DE APRENDIZAGEM EFICAZ! Não há pessoa mais importante que o SER HUMANO ALUNO dentro desse universo conhecido como EDUCAÇÃO e APRENDIZAGEM!”**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho; MAHONEY, Abigail Alvarenga (Orgs). *Afetividade e aprendizagem*: contribuições de Henri Wallon. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

BOSSA, Nadia Aparecida. *A psicopedagogia no Brasil*: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____. *Fracasso escolar*: um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CIASCA, Sylva Maria; RODRIGUES, Sônia das Dores; AZONI, Cíntia Alves Salgado; LIMA, Ricardo Franco de. *Transtornos de aprendiza-*

gem: neurociência e interdisciplinaridade. 1. ed. Ribeirão Preto-SP: Book Toy, 2015.

COSENZA, Ramon M; GUERRA, Leonor B. *Neurociência e educação: como o cérebro aprende*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, Francisco. *O fracasso escolar e as dificuldades na formação do professor*. Disponível em: <https://bit.ly/2W7Uo8c>. Acesso em: 19 de set. 2018

DELDUQUE, Marilza (Org.). *Neurociência na sala de aula: uma abordagem neurobiológica*. Rio de Janeiro: Wak, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FONSECA, Vitor da. *Cognição, neuropsicologia e aprendizagem: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica*. 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

LENT, Roberto. *Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociências*. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2010.

MANUAL DIAGNÓSTICO DE TRANSTORNO MENTAL– DSM5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MEIRA, Michelle de Castro. *Fracasso escolar: de quem é a culpa?* Publicado pela <https://espacofamiliaehumanizacao.blogspot.com/search?q=fracasso+escolar>. Acesso em: 19 set.2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAUDE (Org). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PANTANO, Telma; ZORZI, Jaime Luiz. *Neurociência aplicada à aprendizagem*. São José dos Campos: Pulso, 2009.

PEREIRA, Rafael Silva. *Abordagem multidisciplinar da aprendizagem*. Lisboa: Qualconsoante, 2015.

PIAGET, Jean. *Epistemologia Genética*. Petrópolis: Vozes, 1970.

RAMALHO, Danielle Manera. *Psicopedagogia e neurociência: neuropsicopedagogia e neuropsicologia na prática clínica*. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

RELVAS, Marta Pires. *Neurociências e transtornos de aprendizagem: as*

múltiplas eficiências para uma educação inclusiva. 6. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

_____. (Org). *Que cérebro é esse que chegou na escola?* As bases neurocientíficas da aprendizagem. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.

_____. *Sob o comando do cérebro:* entenda como a neurociência está no seu dia a dia. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. *Transtornos de aprendizagem:* abordagem neurobiológica e multidisciplinar. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana Braga de. *Transtornos de dificuldades de aprendizagem:* entendendo melhor os alunos. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014

SALES, A. M. B.; SILVA, I. da. *As causas e conseqüências do fracasso escolar.* Faculdade de Rolim de Moura – Farol Centro de Pós-graduação Lato Sensu. Paraná, 2008. Disponível em: <sergioetatia-ne.blogspot.com/2009/01/as-causas-e-consequencias-do-fracasso.html> Acesso em: 19 de set. 2018.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. *Psicopedagogia clínica:* uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 14. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.